

Beatriz Penteado Lomonaco

Da internet ao Saci

A relação de saber de alunos da zona rural

1ª Edição - 2013
São Paulo

Prefácio

Alguns dos leitores deste pequeno e precioso livro de Beatriz Penteadado Lomonaco talvez se lembrem do documentário produzido por Nicolas Philibert (2002) e exibido no Brasil sob o título "Ser e Ter" [Etre et avoir]. Pois bem, a lembrança desse filme se impôs no momento de escrita desse prefácio. Para além do fato de eu me encontrar em Paris tanto na época da exibição comercial do filme quanto agora, ao reler esse texto, ambas as produções focam os encontros e desencontros entre grandes e pequenos, às voltas com o aprendizado escolar em meios rurais. Enquanto o cineasta narra o cotidiano de uma escola rural encravada na longínqua região francesa de l'Auvergne, Beatriz nos apresenta os resultados de uma pesquisa realizada, na mesma época, junto às crianças, seus pais e professores, frequentadores de escolas rurais e "urbanas" na região da Serra da Mantiqueira, no sudeste brasileiro. Talvez acabem aí as coincidências; ou não - talvez elas aqui se iniciem. Não pretendo relatar o filme nem apresentar os detalhes desta pesquisa de pós-doutoramento, financiada pela FAPESP, que tive o prazer de acompanhar há dez anos atrás e que dá origem a este livro. Deixo ao leitor o desafio salutar do exercício das comparações.

Pretendo, simplesmente, introduzir a questão aqui em pauta. E para apresentarmos aquilo que acontece a cerca de duzentos quilômetros de São Paulo, vou retomar o fato de ter qualificado l'Auvergne como "região longínqua". Ela fica longe de Paris, mas não é de quilômetros que se trata. Tenho em mente e, portanto, como ponto de referência, a expressão "la France profonde". Estou pensando, pois, em uma distância imaginária - aquela que se estende da urbanidade (sintetizada na expressão "Paris cidade luz") à vida rural, de cujas entranhas vêm à luz tantos tipos de queijos artesanais quantos os dias do ano. Ou seja, penso na distância que há entre a artificial disciplina escolar, atual peça-chave da vida cidadã moderna, bem como do universo aberto da escrita e seus tempos ver-

bais, e o dia-a-dia no campo, ritmado pela luta corpo a corpo com a natureza e a irreversibilidade de sua temporalidade, sempre albeia.

Pois bem, caro leitor, não por acaso, finda a leitura do texto de Beatriz, retornou-me a lembrança o retrato do cotidiano de uma sala multisseriada na comuna rural de Saint-Etienne-sur-Usson, levado à tela grande por Philibert.

A investigação realizada por nossa autora toca em uma questão de dupla face: por um lado, a continuidade entre a vida cidadã e o universo escolar; por outro, a distância diferencial entre estes e a roça, para além do fato de as escolas estarem encravadas no mundo rural, seja ele francês ou brasileiro.

A escola foi, é e será, onde quer que ela seja implantada, uma ideia sempre fora de lugar. Devemos deixar de lado a concepção, tão corriqueira na pedagogia nacional, de que para a escola dar certo no Brasil, sua lógica deveria ser reinventada, de modo a adaptá-la à idiossincrasia de sua "clientela", seja ela pobre ou rica, central ou periférica, negra, branca ou amarela, urbana ou rural. O próprio do espírito escolar é estar sempre um pouco fora de foco. Ele nunca se adapta ao meio onde se implanta, nem tampouco se encaixa no tempo que lhe toca viver. É por isso, então, que ele produz, em quem souber tirar proveito de frequentar uma escola, uma certa relação de estranheza consigo mesmo.

Os números e as letras guardam em si nossa própria estranheza humana. Daí o temor de entrar em contato com eles, mas também a busca curiosa que a eles nos move, como ilustra o romance de Eco – também levado ao cinema – "O nome da Rosa".

Beatriz Lomonaco bem lembra as pesquisas feitas na França pela equipe então conduzida pelo colega Bernard Charlot – e que fora seu orientador de doutorado – junto aos jovens de periferia, ou seja, encravados na periferia da urbanidade cidadã. Haveria diversas formas de se relacionar com o saber (escolar). Uma delas, aquela que na qual se aninha a alteridade escolar/não-escolar, seria justamente a que causa o trabalho escolar da criança e do jovem, muito para além da instrumentalidade futura com a qual, frequentemente, se pretende convocá-los.

Não deve nos surpreender o fato de que crianças e jovens atrelem à escola o sonho de serem grandes e de serem diferentes (tanto em relação a seus pais, quanto em relação a si mesmos). Também não é surpreendente que tal sonho seja difuso. Um sonho que não seja difuso é, então, um pesadelo. Por outro lado, nos sonhamos sempre outros.

É precisamente do umbigo desse sonho que todo sucesso escolar retira a sua força. Para que ele tenha chances de advir, a criança deve nele se implicar como sujeito; mas para que o pequeno aí possa responder, o adulto deve querer sonhar o sonho difuso da produção antecipada, por parte da criança, de uma diferença para com ele. Eis aqui, talvez, onde crava fundo o desencontro entre alguns professores, por um lado, e as crianças e suas famílias, por outro, no que tange ao valor da escola na vida de cada um, conforme mostra a pesquisa desenvolvida. Nas vozes de alguns entrevistados, parece operar sempre a certeza de que as crianças não podem vir a ser diferentes de como elas são pensadas. As crianças estariam condenadas a se situar, em relação aos adultos-professores, em uma continuidade metonímica.

Neste ponto, o trabalho de Beatriz pinça com agudeza a questão que transcende o dia a dia das escolas na Serra da Mantiqueira. A escola é uma ideia fora de lugar, que possibilita a toda criança encontrar para si um lugar onde ela possa experimentar a diferença de ser outro. Quando essa diferença não pode ser sonhada no horizonte, este se fecha sobre si mesmo, delineando as possibilidades do pesadelo do fracasso escolar. Assim, tudo se complica, embora não inviabilize a possibilidade de que uma criança acabe dando (como dizemos no Brasil...) a volta por cima da infelicidade adulta. De fato, não poucas crianças às quais essa pesquisa deu voz implicam-se no trabalho escolar sem qualquer inveja de outra, sem distinção entre uma escola considerada ou não urbana, aqui, lá, ou na longínqua região de l'Auvergne. Mas isso não exime a responsabilidade dos adultos para com seus sonhos ou a falta deles.

Boa leitura!

*Leandro de Lajonquière
Paris, verão de 2012.*